

A FORÇA DA "CONVICÇÃO"

José M. Castillo

O que caracteriza a fé daquele que crê em Jesus não é simplesmente o conhecimento (por mais ortodoxo e seguro que seja) que se tem sobre Jesus. O específico da fé é a convicção livremente assumida. Então, como foi dito com toda precisão, "uma convicção se define pelo fato de orientarmos nosso comportamento de acordo com ela"(13). Charles S. Peirce soube formular este princípio com exatidão: "A convicção consiste principalmente no fato de alguém estar disposto refletidamente a deixar-se guiar em sua atividade por uma formula de que está convencido"(14). Dizendo com outras palavras, "A essência da convicção [...] assenta-se no estabelecimento de uma forma de comportamento e as diferentes convicções se distinguem pelos diferentes tipos de ações a que dão origem"(15).

E ainda uma observação importante, "uma convicção é uma regra de comportamento, e não o próprio comportamento determinado pelo hábito"(16). Quer dizer, o fato de portar-se de uma determinada maneira não é, por si só, uma convicção. A convicção começa onde se rompe com aquilo que fazemos por mero costume, pela rotina que temos repetido a vida inteira ou pelo que todo mundo faz. Nada disso expressa uma convicção.

Estamos convencidos de algo quando o colocamos em prática. Quem está realmente convencido de que é necessário parar de fumar, o faz. E se não o faz, é porque não está verdadeiramente convencido disso. Além disso, a convicção tem de particular que, quando é autêntica, o que se põe em prática é feito a base de romper com a força e a rotina do costume, ou seja, se-rompe com tudo aquilo a que a sociedade nos acostumou, os usos e práticas estabelecidas, os valores com que comunga o comum dos mortais. Mais que isso, a partir das convicções sérias que se tem na vida pode-se prever e predeterminar o comportamento de uma pessoa ou de um grupo. Nesse sentido, Habermas (seguindo Peirce) insiste: "As convicções verdadeiras definem o âmbito do comportamento futuro que o sujeito agente tem sob controle"(17).

Isso colocado, compreende-se a força que tem a convicção e, portanto, a fé. Se considerarmos que a fé não consiste apenas em um conhecimento, mas que comporta especificamente uma convicção, é correto o critério de Peirce a que se refere Carli Sini: "para desenvolver o significado de uma coisa basta determinar quais hábitos produz, pois o significado de uma coisa equivale aos hábitos que comporta"(18). Este critério é central para determinar o que Jesus significa para alguém.

Se a relação com Jesus se reduz a meros conhecimentos sobre os evangelhos ou sobre os dogmas cristológicos definidos pelo Magistério da Igreja, nesse caso a pessoa que tem esse tipo de relação pode ser (na melhor das hipóteses) um bom historiador, mas nem por isso é um crente.

Como sabemos, há pessoas que possuem uma notável erudição de conhecimentos históricos sobre os evangelhos ou sobre a cristologia desenvolvida pelos teólogos. Porém, apenas com isso não temos ainda um crente. Uma pessoa que está convencida de que o Sermão da Montanha é verdade, vive de acordo com o que Jesus ensina nesse texto evangélico.

O critério determinante para saber se uma pessoa crê ou não em Jesus consiste em observar seus comportamentos e, sobretudo, seus hábitos de conduta. Quando a conduta não coincide com os costumes e as preferências de Jesus, com sua forma de viver e de relacionar-se com as pessoas, não pode haver fé, por mais exata que seja a ortodoxia doutrinal do indivíduo; ou por mais bem documentados que estejam seus conhecimentos históricos. No caso de uma reta ortodoxia, que não se traduz em hábitos de comportamento conformes ao Evangelho, se produz no sujeito uma falsa ilusão de ter uma fé que, na realidade, não tem.

Aqui, porém, é necessário insistir ainda em um dado importante. Se a fé cristã é fé em Jesus, nunca se deve esquecer que Jesus (tal como o apresentam os evangelhos) foi, do ponto de vista sociológico, um carismático. Pois bem, o carisma é o dom de exercer autoridade sem basear-se em instituições ou funções prévias(19). Na verdade, "Os carismáticos rompem com expectativas de funções depositadas sobre eles e entram em conflito com as instituições, em cuja referência são regulamentadas as condutas e distribuídas as posições"(20). Isto posto, se compreende a força da convicção de que se há de configurar a fé do crente. Deste ponto de vista, não é exagerado

afirmar que todo crente deve ser um autêntico carismático. A isso devem chegar os hábitos de conduta gerados pela convicção própria daqueles que creem em Jesus.

13. HABERMAS, H. Conocimiento e interés, p. 127.

14. PEIRCE, C.S. "Lectures on pragmatism". Collected Papers, V Cambridge: HUP, 1931-1968, P. 27.

15. PEIRCE, C.S. "How to Make our Ideas clear". Collected Papers. Ibid., P. 398.

16. HABERMAS, J. Conocimiento e interés, p. 127-128.

17. Ibid., p. 128.

18. SINI, C. El pragmatismo. Madri: Akal, 1999, p. 26.

19. WEBER, M. Economía y sociedad. Mexico, FCE, 1969, p. 193-197.

20. THEISSEN, G. El movimiento de Jesús - Historia social de una revolución de valores. Salamanca: Sígueme, 2005, P. 35.

****Do livro de José M. Castillo: JESUS – A humanização de Deus.**

P.30-32 - 2015 Tradução de João Batista Kreuch – Editora Vozes